

# A Letra de Artur Eduardo Benevides

*Carlos Augusto Viana*

Há um navio em ti. E resiste  
às têmeperas da noite  
em seu intérmio partir. O cais  
soçobra no tempo. Pende  
a rosa do caos. Hóspede  
de ti mesmo e viajante  
do desterro, palmilhas,  
a esmo, as espumas do jamais.

Tuas mãos, dilaceradas  
pelos cravos da noite, espreitam  
a remissão das naus,  
das madrugadas. As cousas  
se dissolvem antes de tocá-las.  
Despem-se das cordas  
as harpas. Pássaros cegos  
perdem-se nas escarpas  
dessas horas em que,  
ferido, o poema te deplora.

Um trem irrompe  
a áspera bruma do verão.  
Atravessas o deserto  
sob a sombra do vôo  
de um falcão. O sonho  
é teu império. Sob a pluma  
da infância, escondeste

os mistérios da criação.  
A solidão é o barro  
de tua aprendizagem.  
A lágrima sobre a pálpebra da estiagem.  
Tua ilha de argila  
apascenta  
a voragem do tempo:  
"travessia nunca foi viagem".

Tua rosa,  
insone,  
é o ícone  
da espera.  
Contemplando-a,  
salva-nos  
dos dentes da fera.

Lanças-te aos abrolhos  
das sombras, das cousas  
a que, longamente,  
procuras. O tempo  
e a solidão  
ardem, secretamente,  
em teu peito.

Teus pés  
desconhecem  
a sanha das heras,  
o pejo das horas,  
por mais longos  
o estio e os caminhos;  
por mais em trevas  
as espumas em que navegas;  
por mais temporão  
o verso a sangrar-te a mão;  
por mais que as auroras  
desprendam-se das aves;  
por mais que os abismos

antecipem-se às estrelas.  
Estás, em verdade, preso  
à noite, ao ermo de suas letras.

Sabes a sombra de teus passos,  
o ventre de seus punhais.

O imã de suas ilhas. A solidão de seus braços.  
A cor de seus gritos. A pele de seus cansaços.  
O pranto que irriga as pautas.  
A fábula que se desprende das flautas.  
As praias e o lume de suas alfaias.  
As ilhas e os báratros de suas trilhas.  
O gume da ausência e a pérgula de seu lume.  
O almo de tuas pestanas em salmos.

A curva do rio em sua geometria turva.  
As vólis decepadas pela lâmina do arco-íris.  
O cais e as brumas do nunca mais.  
O sol que se acende sobre as catedrais.  
Os galos que bicam o silêncio dos quintais  
Os peitos da moça a escorrer dos umbrais

Teus olhos,  
em degredo,  
recolhem  
o líquido segredo das manhãs.  
Emprestam sua concha  
aos mortos de Golã.  
E do alto  
de um penedo bebem  
os cristais de Aldebarã.

Tua poesia  
é onde o mar encontra a noite,  
o corpo se entrega ao açoite  
das horas, e as mãos

tecem túnicas ancestrais.  
Tua poesia  
são os homens  
e os seus remorsos,  
a casa em destroços,  
os silêncios abissais,  
o grão de absinto  
embutado no labirinto  
de seus quintais.

Tua poesia  
é um legado do silêncio,  
um ofertório de auroras,  
as relvas da paz.

Tua poesia  
são olhos alumbrados  
de tácitas paisagens;  
mãos  
que se despedaçam  
em viagens;  
um trem  
em direção  
ao imponderável.  
Tua poesia é um circo  
engravidando a tarde;  
o amor  
inebriado  
de sua própria sede;  
a estrela  
espetada nos cardos.  
Tua poesia é o tempo  
em seus rituais.  
Um novelo  
que, interminavelmente,  
em ondas, se refaz.